STARBURSTING
MAIS DO QUE CASAS
12 FEV 2025 FAUP
MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT

O PAPEL DA CULTURA EM ESTRATÉGIAS URBANAS INCLUSIVAS. PERSPETIVAS E PRÁTICAS NA ZONA ORIENTAL DE LISBOA

LAURA POMESANO

ISTAR_IUL
laurapomesano@gmail.com

RESUMO

A inclusão dos habitantes nas decisões sobre o ambiente construído é fundamental para garantir espaços habitacionais mais justos e inclusivos. As transformações socioespaciais são frequentemente desencadeadas por processos de regeneração, com vários autores a destacar o uso instrumental da cultura para atrair investimentos em territórios, por vezes em decadência e subvalorizados, justificando, assim, a exclusão habitacional e acentuando desigualdades sociais. Diante do contexto de crise habitacional e das crescentes desigualdades, práticas participativas, como o exemplo de Can Batlló em Barcelona, surgem como alternativas ao modelo urbano neoliberal, promovendo a gestão comunitária e a habitação acessível. O presente estudo explora como práticas culturais e artísticas podem promover a participação comunitária no desenvolvimento urbano, resistindo a processos de gentrificação. Em Portugal, o projeto europeu H2020 ROCK – Regeneration and Optimisation of Cultural heritage in creative and Knowledge cities, implementado nas freguesias de Marvila e Beato, analisou estratégias participativas de regeneração urbana usando o património e a cultura como motores de transformação. Este território, que conheceu uma expansão durante a era industrial e foi marginalizado e despovoado após o período de desindustrialização, está agora a ser alvo de regeneração urbana impulsionada pelo surgimento de diversas atividades artísticas e culturais. A metodologia integrativa adotada incluiu a revisão de literatura, a análise de dados sobre as perceções dos promotores culturais e a comparação de iniciativas artísticas na região, posicionando-a como um território privilegiado para observar os fenómenos mencionados. Os resultados indicam que, embora a cultura na área estudada atraia frequentemente visitantes externos, há iniciativas locais que fortalecem o envolvimento comunitário, como a Biblioteca de Marvila. Conclui-se que a cultura pode ser uma ferramenta eficaz de resistência à gentrificação e que as políticas públicas devem promover a participação ativa dos habitantes, garantindo acesso igualitário aos recursos urbanos e reforçando a coesão social.

PALAVRAS-CHAVE

GENTRIFICAÇÃO ⁄ PARTICIPAÇÃO ⁄ POLÍTICAS PÚBLICAS ⁄ REGENERAÇÃO URBANA ⁄ DESINDUSTRIALIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

Vários autores destacam o uso da cultura como pretexto para implementar práticas de regeneração urbana excludentes, que alimentam as desigualdades sociais e dificultam o acesso à habitação pelas comunidades locais (Lees, Bang Shin, e López-Morales 2016; Ley 2003; Zukin e Braslow 2011).

Investigadores recentes salientam o papel dos artistas na contestação das estratégias de marketing urbano associadas ao modelo de cidade criativa. Boren e Young (2017) referem-se a estes como "artistas sociais" (23), cuja missão é criar espaços e reflexões que fomentem práticas alinhadas a uma vida urbana acessível a todos.

Este trabalho questiona como as práticas culturais e artísticas podem melhorar o envolvimento dos habitantes na criação de um ambiente construído mais inclusivo, resistindo à gentrificação. O projeto europeu H2020 ROCK – Regeneration and Optimisation of Cultural heritage in creative and Knowledge cities [1], que decorreu entre 2017 e 2020 nas freguesias de Marvila e Beato (Figura 1), tem sido palco de debates sobre estratégias de regeneração urbana, centradas na conservação e valorização do património cultural, e na participação comunitária (Falanga 2022).

Figura 1. Área do projeto ROCK na cidade de Lisboa. Elaborada no ArcGIS Pro, fonte: dados cedidos pela Camara Municipal de Lisboa (CML), disponível em: http://geodados.cmlisboa.pt/ (consultado em: 12 dez. 2022). Os mosaicos do mapa utilizam dados fornecidos por Esri, HERE, Garmin, contribuidores do OpenStreetMap e a Comunidade de Usuários GIS. Crédito © Laura Pomesano.

A área, revitalizada pós-desindustrialização e atrativa para artistas, enfrentou aumento de preços e desigualdades, oferecendo um cenário para este estudo (Martins 2020). O objetivo é explorar estratégias para implementar eficazmente a participação em projetos de desenvolvimento urbano, valorizando a cultura como meio de envolvimento comunitário, em vez de a considerar um vetor de exclusão. Adotou-se uma metodologia integrativa e qualitativa tripartida: 1) revisão de literatura, focada na resistência cultural e no envolvimento comunitário; 2) recolha de dados sobre as perceções dos promotores das atividades artísticas e culturais, ocorrida ao longo das atividades no projeto ROCK; 3) análise comparativa das atividades artísticas e culturais na região, discutindo as suas práticas e a resposta das entidades públicas. Os resultados desta investigação revelam que, embora a cultura na área estudada se apresente frequentemente de forma cosmopolita e desligada das raízes locais, atraindo maiormente visitantes externos, existem iniciativas isoladas que promovem uma interação significativa com as comunidades locais, como demonstrado pela Biblioteca de Marvila. Estas descobertas sugerem que a integração de práticas culturais envolventes pode efetivamente fortalecer o tecido social urbano. Este estudo não só confirma a relevância da cultura como um pilar essencial no planeamento urbano sustentável, mas também orienta futuras políticas públicas para valorizar as identidades locais enquanto promovem

1 Daqui em diante "projeto ROCK".

a inclusão e a diversidade. As implicações deste estudo salientam a necessidade de uma abordagem mais holística no planeamento urbano, que reconheça e integre as vozes das comunidades locais na formulação de cidades verdadeiramente culturais e inclusivas.

1. A RESISTÊNCIA À GENTRIFICAÇÃO NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS

Diversos autores exploram formas alternativas de arte e cultura que resistem à gentrificação, através do envolvimento ativo das comunidades locais. Bargna (2011) destaca a função social da arte, associando-a à sua capacidade de intervir nas dinâmicas sociais e políticas. Mais do que refletir a realidade, a arte combina a visão individual do artista com o imaginário social, funcionando como ferramenta de rearticulação das relações sociais e construção de identidades coletivas inclusivas, conferindo visibilidade a grupos marginalizados. Nesse sentido, Bishop (2012) enfatiza a arte participativa, que incorpora a comunidade como elemento central e material criativo, priorizando processos e dinâmicas sociais em detrimento da produção de objetos artísticos finais. Essa abordagem enfatiza a intervenção direta na realidade, promovendo a reapropriação de espaços urbanos fragmentados pela lógica capitalista.

Fernandez (2018), através de uma análise sobre o bairro de Harlem, em Nova Iorque, demonstra o papel dos artistas enquanto “agentes culturais” (3) na resistência ao despejo, tanto em benefício dos próprios artistas como da comunidade, sublinhando a necessidade de garantir espaços acessíveis para trabalho e habitação O exemplo de Can Batlló, uma antiga fábrica localizada em Barcelona, constitui um caso paradigmático de reintegração cultural sustentável e resistência às dinâmicas urbanísticas neoliberais. Reivindicado pela comunidade local e cedido pela Câmara Municipal após a ocupação de 2011 no âmbito do movimento “Can Batlló é para o bairro” [2] (de la Peña 2020), o espaço foi transformado num centro sociocultural que evidencia o impacto do envolvimento comunitário. Este projeto está intimamente ligado à cooperativa habitacional La Borda, situada na mesma área, desafiando paradigmas individualistas ao promover práticas de autogestão e engajamento coletivo (Scheller e Larsen 2019).

A transformação de Can Batlló demonstra como o envolvimento comunitário atua simultaneamente como causa e consequência, fortalecendo redes resilientes de iniciativas culturais alinhadas às aspirações locais e contribuindo para a resistência à gentrificação. Contudo, é importante destacar que iniciativas como esta enfrentam desafios relacionados à disponibilidade de grupos com recursos para se dedicarem voluntariamente a tais projetos (Sánchez Belando 2017). Este caso evidencia o potencial da colaboração e do compromisso da comunidade para gerar impactos duradouros no tecido urbano (Asara 2019). Conforme ilustrado na Figura 2, a revisão da literatura destaca os fatores que consolidaram esta iniciativa como símbolo de resistência à gentrificação. Entre eles, salientam-se as práticas artísticas e culturais acessíveis, que evitam o deslocamento forçado, promovem a redistribuição de recursos e fomentam a inclusão social.

2 Can Batlló és pel barri – tradução da autora.

CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
Modelo de gestão horizontal, comunitário	A estrutura é centrada na Assembleia, o principal órgão de deliberação, complementada por comissões específicas (comités) que promovem um envolvimento efetivo em diversos níveis de compromisso. Esta organização permite uma participação ativa de artistas e habitantes na tomada de decisões, mantendo um diálogo constante com a esfera política (Sánchez Belando 2017).
Ligação com a história da comunidade local	A influência da tradição cooperativa e dos movimentos sociais da era industrial promove a autogestão e a colaboração comunitária (Sánchez Belando 2017).
Autofinanciamento e independência	O modelo de autofinanciamento assegura a independência em relação ao poder público, aceitando apenas financiamentos sem restrições, como exemplificado no caso da reestruturação do edificado (Asara 2019).
Acessibilidade e inclusão	Foco na acessibilidade económica e cultural, como a criação de uma biblioteca pública para suprir necessidades locais e um programa que apresenta uma variedade de projetos sociais, culturais e educativos, geridos de forma coletiva e participativa (Sánchez Belando 2017).
Projetos cooperativos e habitação acessível	Cooperativa habitacional La Borda com gestão democrática e propriedade coletiva, oferecendo habitação acessível como alternativa à especulação imobiliária (La Borda, Cooperativa d'habitatge en cessió d'ús 2017; Scheller e Larsen 2019). Membros da cooperativa controlam coletivamente a propriedade, participam nas decisões de gestão, priorizam habitação acessível e desvinculam o valor do terreno urbano, alvo de especulação, do valor efetivo da habitação (Scheller e Larsen 2019).

Figura 2. Características principais de Can Batlló que evidenciam o seu modelo de governança inclusivo e participativo, crédito © Laura Pomesano.

2. METODOLOGIA

FASE	DESCRIÇÃO
Primeira fase	Explora as relações entre atividades artísticas e culturais e o envolvimento comunitário, com foco na inclusão das comunidades locais como estratégia de resistência à gentrificação.
Segunda fase	Abrange o acompanhamento do projeto ROCK, incluindo as atividades que resultaram na recolha dos dados utilizados neste estudo, apresentados na Figura 4. Simultaneamente, os estudos realizados no âmbito do projeto, incluindo um inquérito [3], o ROCK Lisbon Survey, fornecem importantes perspetivas sobre a perceção das comunidades locais em relação ao território em análise, suas transformações e o papel da arte e da cultura nesse contexto.
Terceira fase	Evidencia as diferenças e analogias entre exemplos da revisão da literatura e as iniciativas no território de pesquisa que se destacam como veículos de envolvimento comunitário.

Figura 3. Metodologia adotada, crédito © Laura Pomesano.

3 O ROCK Lisbon Survey foi realizado entre maio e agosto de 2019 na área abrangida pelo projeto ROCK, utilizando uma amostra estratificada proporcional de 368 participantes. A seleção dos participantes baseou-se em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2011) relativos à população residente, estratificada por sexo e idade. O instrumento de recolha de dados foi estruturado em sete secções principais: Património Cultural, Mudanças Urbanas, Vazios Urbanos, Mobilidade Urbana, Economia Local, Futuro e Participação Cidadã. O objetivo principal consistiu em captar perceções e opiniões dos residentes sobre estas temáticas. No âmbito do património cultural, procurou-se identificar elementos tangíveis e intangíveis. Relativamente às mudanças urbanas, analisaram-se fenómenos como a degradação de indústrias, o aumento das rendas e a chegada de novos residentes. Na secção sobre vazios urbanos, identificaram-se espaços desocupados e as iniciativas associadas à sua reutilização. Além disso, avaliou-se o impacto da mobilidade e da economia local, bem como o envolvimento dos cidadãos em ações de regeneração urbana, com destaque para o papel desempenhado no contexto do projeto ROCK. Para a análise dos dados, recorreu-se a métodos estatísticos descritivos e inferenciais. As respostas abertas foram classificadas em categorias para garantir uma análise consistente. É possível encontrar essas informações e os resultados em Correia, Rita, Roberto Falanga, Mafalda Nunes, e João Martins. 2020. «Rock Lisbon Survey: Statistical Report». ROCK - Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/44496.

TIPO	DATA	NOME	PAPEL
Ação participativa	7 de fevereiro, 2020	Encontro com Agentes Culturais de Marvila e do Beato [4]	Coorganizadora
Mapeamento	30 de junho, 2020 (publicação no site do projeto ROCK)	Cartografia Interativa dos Agentes Culturais de Marvila e Beato [5]	Autora
Ação participativa	23 de abril, 2019 - 22 de outubro, 2019 (inauguração 24 de maio de 2021)	Centro Interpretativo de Marvila e Beato [6]	Observadora

Figura 4. Atividades do projeto ROCK e tipo de envolvimento da autora, crédito © Laura Pomesano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão dos resultados divide-se em duas partes: uma reflexão sobre a inter-relação entre atividades artísticas e culturais e o envolvimento comunitário, seguida da análise das iniciativas mais enraizadas no território, conforme os resultados metodológicos. Durante o Encontro, os trabalhadores da arte e cultura expressaram o desejo de alcançar um público local, além de colaborarem com outras entidades da região. No entanto, salientam o fraco envolvimento em iniciativas de desenvolvimento urbano, sublinhando a necessidade de reforçar as redes culturais locais. Estes resultados, quando contrastados com a urgência de aumentar o envolvimento comunitário e resistir à gentrificação, configuram um desafio relevante.

Entre as propostas para enfrentar os desafios culturais da região, destaca-se a criação de um espaço multifuncional, com gestão partilhada por várias entidades, evidenciando a escassez, senão a ausência, de espaços acessíveis.

No entanto, observa-se que uma abordagem de base comunitária nem sempre garante uma ligação profunda com as necessidades locais. Vários participantes do Encontro destacaram as desigualdades de recursos entre as iniciativas culturais no território, evidenciando que, enquanto algumas atividades de caráter mais cosmopolita são promovidas por equipas consolidadas de profissionais das artes e voltadas, em grande medida, para públicos externos à área em estudo, outras dependem de esforços individuais e visam principalmente atender às comunidades locais. Foi também sublinhado que o autofinanciamento pode não ser viável para muitas iniciativas, sendo necessário, em alguns casos, recorrer a programas de financiamento. Embora tal possa aumentar a incerteza sobre o futuro destas iniciativas, a participação em programas de financiamento pode facilitar a criação de parcerias e o fortalecimento de redes de colaboração.

Por fim, é crucial destacar que os desafios enfrentados pelas iniciativas transcendem a mera insuficiência de voluntários dispostos a alocar recursos, abrangendo também a escassez de indivíduos com competências especializadas capazes de lidar com a complexa burocracia associada à execução de projetos culturais. Contudo, no caso da Biblioteca de Marvila, essas fragilidades são atenuadas pelo envolvimento direto do poder público, que garante o financiamento, a gestão do espaço e dos equipamentos, além da organização das atividades, assegurando a acessibilidade tanto à comunidade local quanto a públicos externos.

Desde a sua inauguração em 2016, a Biblioteca de Marvila consolidou-se como um ponto de referência na área de estudo, servindo como palco para uma diversidade de eventos e iniciativas. Além disso, o espaço desempenha um papel

4 Daqui em diante “Encontro”. Os contributos desta atividade encontram-se em Nunes, Mafalda Corrêa, Tim Poggemann, e Laura Pomesano. 2020. «Encontro com Agentes Culturais de Marvila e do Beato». ROCK - Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/44488.

5 Daqui em diante “Cartografia”. Os resultados deste mapeamento encontram-se em https://pinea.app.carto.com/map/ab8bb044-fb58-4600-92bc-a4821fe2373a (consultado em: 10 set. 2024)

6 Daqui em diante “Centro Interpretativo”. Os contributos desta atividade encontram-se em Silva, Margarida Reis e. 2020. «The Interpretative Centre of Marvila and Beato». ROCK (Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

fundamental no fomento de atividades comunitárias, reforçando o vínculo com a população local. No ROCK Lisbon Survey, foi evidenciado que este espaço tem especial relevância para os jovens, obtendo uma pontuação de 4,5/5 nesse grupo (Correia et al. 2020, 140).

No que concerne às iniciativas bottom-up, destaca-se a Fábrica Braço de Prata [7], um espaço cultural localizado no edifício anteriormente utilizado como escritórios da Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata. Esta iniciativa tem desempenhado um papel fundamental no fortalecimento das relações entre os residentes mais antigos e os novos habitantes da área (Yagci e Nunes da Silva 2021). Igualmente, iniciativas como a Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885 [8] e o Clube Oriental de Lisboa [9], têm tido um papel crucial na criação de um ambiente onde cultura e comunidade convergem. Estas instituições mantêm uma ligação profunda com a história local, funcionando como um elo de continuidade entre o passado e o presente.

As iniciativas mencionadas oferecem uma ampla gama de atividades, conforme a sua programação, dirigidas a públicos diversos, desde os mais idosos até aos mais jovens, reforçando os princípios de acessibilidade e inclusão social.

A Figura 5 apresenta os desafios e os pontos positivos identificados nesta pesquisa, correlacionando-os aos mecanismos propostos para superar essas dificuldades. Este quadro evidencia como as práticas culturais e artísticas podem ser estrategicamente articuladas para promover o envolvimento comunitário, a inclusão social e a resistência aos processos de gentrificação em áreas urbanas. Destaca-se, ainda, a relevância de integrar abordagens participativas e soluções sustentáveis, fundamentadas tanto em iniciativas locais quanto no exemplo inspirador de Can Batlló, de forma a gerar um impacto positivo no tecido social e cultural.

7 A Fábrica Braço de Prata, fundada em 2007 pelo filósofo Nuno Nabais, acolhe diversos projetos artísticos e culturais que encontram neste espaço um local propício para o desenvolvimento das suas atividades.

8 A Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885 é a responsável pela organização da Marcha anual e pelo apoio a diversas atividades desportivas. A sua importância social e recreativa para a comunidade local é evidenciada no Centro Interpretativo, com destaque para a entrevista ao Sr. José Fonseca de Sousa, disponível em: https://lisboa.rockproject.eu/entrevista-7-jose-fonseca/ (consultado em 10 de setembro de 2024).

9 O Clube Oriental de Lisboa, fundado em 1946, distingue-se pela sua importância como espaço de sociabilidade local. A sua relevância é evidenciada no Centro Interpretativo, nomeadamente através da entrevista ao Sr. José Fonseca de Sousa, disponível em: https://lisboa.rockproject.eu/o-oriental-e-a-politica/ (consultado em 10 de setembro de 2024).

DESAFIOS	PONTOS POSITIVOS	MECANISMOS
Fraco envolvimento em iniciativas de desenvolvimento urbano	Trabalhadores culturais expressaram o desejo de colaborar com entidades locais, destacando a vontade de articular redes culturais.	Reforçar redes culturais locais com espaços multifuncionais e apoio a parcerias entre entidades públicas e privadas.
Falta de ligação entre iniciativas comunitárias e necessidades locais	A Biblioteca de Marvila demonstrou que, quando estruturado de forma inclusiva e orientado para as necessidades locais, o envolvimento público pode mitigar fragilidades organizacionais	Desenvolver estratégias participativas que integrem as demandas locais por meio de consultas públicas regulares.
Dependência de voluntariado e autofinanciamento	A gestão pública da Biblioteca de Marvila assegura financiamento estável e organização acessível.	Criar modelos híbridos de financiamento, combinando apoios institucionais e financiamento comunitário, estruturados através de instrumentos de longo prazo, que permitam a cada instituição organizar-se de forma sustentável.
Escassez de competências especializadas para lidar com burocracias	Iniciativas como Can Batlló evidenciam a força da capacitação comunitária e da gestão horizontal para superar desafios complexos.	Promover capacitação para líderes comunitários em gestão de projetos e acesso a subsídios governamentais.
Acessibilidade limitada aos espaços culturais	O exemplo da Fábrica Braço de Prata e da Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885 reforça a importância de espaços enraizados na comunidade.	Garantir apoio técnico e reconhecimento das iniciativas culturais pela esfera pública.
Pressão de gentrificação	Iniciativas locais mantêm a conexão com a história da área, fortalecendo a identidade cultural e a coesão social.	Preservar a memória local por meio de práticas culturais que promovam pertencimento.

Figura 5. Tabela: Desafios identificados, Pontos positivos aprendidos e Mecanismos propostos

CONCLUSÕES

Esta investigação evidencia o papel central das práticas culturais e artísticas na promoção da coesão social e na resistência à gentrificação em áreas urbanas. Os resultados sublinham a relevância de uma abordagem participativa no desenvolvimento urbano, em que a cultura atua como catalisador do envolvimento comunitário, e não apenas como instrumento de revitalização económica. As análises realizadas destacam que, embora a regeneração urbana possa reforçar dinâmicas excludentes, iniciativas locais e mais enraizadas, evidenciam o papel da cultura na inclusão, no fortalecimento do tecido social e na preservação da memória coletiva.

Os resultados ressaltam a importância de políticas públicas que promovam a acessibilidade cultural e a gestão comunitária, demonstrando que práticas de autogestão, envolvimento comunitário e valorização das identidades locais podem favorecer a coesão social e resistir às pressões do mercado imobiliário.

Apesar das práticas virtuosas desenvolvidas pela Biblioteca, pela Fábrica Braço de Prata, pela Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885 e pelo Clube Oriental de Lisboa, subsistem desafios significativos. Entre eles, destacam-se a dependência do voluntariado, a carência de competências especializadas e a insuficiência de espaços acessíveis. Esses fatores evidenciam a necessidade de estratégias híbridas de financiamento, bem como de iniciativas voltadas para o fortalecimento das lideranças locais.

Conclui-se, portanto, que o uso da cultura como ferramenta de transformação urbana deve ser acompanhado de um compromisso institucional que integre efetivamente as necessidades e vozes das comunidades, promovendo cidades mais inclusivas, sustentáveis e justas.

Por fim, a experimentação e avaliação dos mecanismos propostos podem fornecer material valioso para futuras pesquisas, especialmente no que diz respeito à replicabilidade e adaptação a diferentes contextos urbanos. Assim, o presente estudo não só contribui para o entendimento das dinâmicas culturais em áreas em processo de transformação e seu potencial nas práticas participativas, mas também oferece diretrizes para intervenções futuras que promovam cidades mais inclusivas e sustentáveis, sendo simultaneamente sensíveis às especificidades locais como motores de enriquecimento coletivo.

AGRADECIMENTOS

Este estudo insere-se no âmbito da Tese de Doutoramento em Arquitetura da autora, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), através da bolsa 2020.05376, sob orientação da Professora Alexandra Paio e do Professor Roberto Falanga, e ao abrigo do Centro de Investigação em Ciências da Informação, Tecnologias e Arquitetura (ISTAR-Iscte), a quem se expressam os devidos agradecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Asara, Viviana. 2019. «The Redefinition and Co-Production of Public Services by Urban Movements. The Can Batlló Social Innovation in Barcelona». Partecipazione e Conflitto 12 (2). https://doi.org/10.1285/i20356609v12i2p539.

Bargna, L. 2011. «Gli usi sociali e politici dell'arte contemporanea fra pratiche di partecipazione e di resistenza». ANTROPOLOGIA XI (13): 75–106. https://doi.org/10.14672/ada2011169%25p.

Bishop, Claire. 2012. Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship. London New York: Verso Books.

Borén, Thomas, e Craig Young. 2017. «Artists and creative city policy: Resistance, the mundane and engagement in Stockholm, Sweden». City, Culture and Society 8:21–26. https://doi.org/10.1016/j.ccs.2016.05.002.

Correia, Rita, Roberto Falanga, Mafalda Nunes, e João Martins. 2020. «Rock Lisbon Survey: Statistical Report». ROCK - Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/44496.

Falanga, Roberto. 2022. «Understanding place attachment through the lens of urban regeneration. Insights from Lisbon». Cities 122:1–5. https://doi.org/10.1016/j.cities.2022.103590.

Fernandez, Linda. 2018. Creating Change: The Role of Artists in Anti-Displacement. New York.

La Borda, Cooperativa d'habitatge en cessió d'ús. 2017. «La Borda – Housing to Build Community». 14 de março de 2017. http://www.laborda.coop/en/.

Lees, Loretta, Hyun Bang Shin, e Ernesto López-Morales. 2016. Planetary Gentrification. Malden: Polity Press.

Ley, David. 2003. «Artists, aestheticisation and the field of gentrification». Urban Studies 40 (12): 2527–44. https://doi.org/10.1080/0042098032000136192.

Martins, Joao C. 2020. «Tangible cultural heritage re-appropriation towards a new urban centrality. A critical crossroad in semi-peripheral eastern riverside lisbon». Geography, Environment, Sustainability 13 (3): 139–46. https://doi.org/10.24057/2071-9388-2020-58.

Nunes, Mafalda Corrêa, Tim Poggemann, e Laura Pomesano. 2020. «Encontro com Agentes Culturais de Marvila e do Beato». ROCK - Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/44488.

Peña, David de la. 2020. «Beyond Guerrilla Urbanism: Can Batlló and the Slowness of Knowing, Managing, and Making». URBAN DESIGN International 25 (2): 126–36. https://doi.org/10.1057/s41289-019-00080-y.

Sánchez Belando, Maria Victoria. 2017. «Building alternatives to the creative turn in Barcelona: The case of the socio-cultural centre Can Batlló». City, Culture and Society 8:35–42. https://doi.org/10.1016/j.ccs.2016.11.001.

Scheller, David, e Henrik Gutzon Larsen. 2019. «Urban Activism and Co-Housing». Em Contemporary Co-Housing in Europe, por Pernilla Hagbert, Henrik Gutzon Larsen, Håkan Thörn, e Cathrin Wasshede, 120–39. London: Routledge. https://doi.org/10.4324/9780429450174-7.

Silva, Margarida Reis e. 2020. «The Interpretative Centre of Marvila and Beato». ROCK (Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Yagci, Eser, e Fernando Nunes da Silva. 2021. «The future of post-industrial landscapes in east lisbon: The braço de prata neighbourhood». Sustainability (Switzerland) 13 (8): 1–25. https://doi.org/10.3390/su13084461.

Zukin, Sharon, e Laura Braslow. 2011. «The life cycle of New York's creative districts: Reflections on the unanticipated consequences of unplanned cultural zones». City, Culture and Society 2 (3): 131–40. https://doi.org/10.1016/j.ccs.2011.06.003.

BIOGRAFIA

LAURA POMESANO

Laura Pomesano (https://www.cienciavitae.pt/portal/DD16-244F-4E95) é arquiteta e doutoranda em "Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos" no ISCTE-IUL. A sua investigação, de carácter interdisciplinar, foca-se em formas alternativas de reutilização do património industrial e em intervenções em bairros desindustrializados, visando estratégias que previnam fenómenos de recomposição social e a perda de identidade local. Explora cartografias digitais para representar dinâmicas urbanas. Participou no projeto europeu ROCK - Regeneration and Optimisation of Cultural Heritage in Creative and Knowledge Cities e coorganizou as Summer Schools TUR - Technopolitics in Urban Regeneration. Atualmente, está envolvida no projeto transHERITAGE do DINÂMIA'CET-Iscte.